

# Doutor Avelino Soares

# SETÚBAL



Hoje mesmo, 10 de Outubro, se completam 100 anos sobre o seu nascimento.

Este Centenário também nos diz respeito e não por mera questão de sentimento, mas por razão de justiça. É que Dr. Avelino partilhou a vida da Obra da Rua desde o seu início, sobretudo depois que ela se instalou em Paço de Sousa; e nós, principalmente depois que ficámos sem Pai Américo, pudemos sempre dispor da sua vida, animada por uma solicitude verdadeiramente paternal que a sua delicadeza evitava parecesse mais do que fraterna. Um irmão mais velho, com a sua prudência, com a sua sabedoria — só que o fosse...! Mas foi mais.

É esta a imagem que dele guardamos; com o remorso de o não termos acompanhado tanto quanto ele apreciava e era digno nos derradeiros anos de vida, em que a cegueira o isolou do seu mundo — os livros; e o constituiu dependente de quem lho lesse ou de alguém com quem conversar. Foram anos de purificação que aceitou sem uma queixa, antes com paciência edificante.

«O justo vive da Fé» e «a Fé é a vitória que vence o mundo» — diz a Escritura. Dr. Avelino, com esta arma, venceu e vive certamente na eterna Paz.

\* \* \*

Treze dias mais cedo, nasceu, como o Américo, na freguesia de Galegos, de Penafiel.

Cont. na 3.ª pág.

# CARTA AOS GAIATOS MAIS VELHOS

Com que gosto e alegria tenho lido no nosso O GAIATO as notícias dos convívios das Associações dos Antigos Gaiatos!

Como e onde nasceram as Associações? Direi que, no íntimo do coração de Pai Américo — como brotam, repentinos e belos, os lírios do campo.

Nem tudo perfeito e conforme ao ideal concebido... Embora! Quanto custa ao broto romper a crosta, afastar ervas e folhas para se encontrar com o sol e a chuva! Então, sim, firme no seu pé, suga a seiva que o fará beleza.

Caros Gaiatos, que a vossa seiva seja a fé no Senhor. Só ela pode. Sem ela fica a vida sem sentido e as Associações sem alma.

E o sol? Pois, a família que nós somos, sempre a dar calor e cada vez mais presente e consciente no coração de todos nós.

Reparai que nunca a nossa grande família pode estar alheia à grande paixão do nosso Pai Américo: o amor aos Pobres e o cuidado dos Outros.

Ele iniciou a Obra, mas somos nós (e outros que virão)

a completá-la no tempo. Sim, porque «Pobres tereis sempre convosco». Todos os dias, são o começo desta luta que teve princípio naquela paixão.

Que os vossos convívios não sejam só convívios; as reuniões, somente reuniões. Continuemos e realizemos a paixão de Pai Américo no nosso tempo, rua e bairro. Que não haja aí uma família pobre sem a nossa presença; um Gaiato sem o amparo da nossa mão.

No início do Ano Centenário, fazei a todos de como se-

Cont. na 4.ª pág.

A Escola esteve no pensamento pedagógico do Padre Américo como um fundamento de primeira necessidade na promoção dos rapazes.

Ao longo de dezenas de anos de experiência e vivência com os rapazes da rua, a convicção de que a Escola é a mais importante de todas as suas actividades, foi crescendo na nossa consciência.

Sem Escola muito pouco se pode fazer de um garoto abandonado.

O desenvolvimento da inteligência aperfeiçoa-se e enraiza-

-se especialmente dentro das salas de aula.

**Nihil volitum nisi praecognitum**, afirmavam os antigos com ciência já adquirida. É por isso da máxima importância desenvolver as faculdades do conhecimento.

Lá vai o tempo em que esta Casa do Gaiato tinha somente uma turma de alunos e uma sala de aulas.

Os professores trabalhavam como heróis. E foram muitos os desse tempo. Hoje, temos

Cont. na 2.ª pág.

## Celebração do Centenário do PADRE AMÉRICO

23-24 DE OUTUBRO

**Dia 23**

Em PENAFIEL — Igreja Matriz

18.30 H — Concelebração Eucarística presidida pelo Arcebispo do Porto.

— Encerramento da exposição fotográfica sobre o Padre Américo.

**Dia 24**

No PORTO

10.30 H — Homenagem da cidade e do Povo da Ribeira-Barredo: inauguração duma Placa-Mensagem no Largo Padre Américo.

**SESSÃO COMEMORATIVA NO PALÁCIO DE CRISTAL**

15.00 H — Saudação inicial pelo Arcebispo do Porto.

— Evocação da figura e Obra do Padre Américo pelo Prof. Dr. Levi Guerra.

— Testemunhos.

— Encerramento pelo Presidente da República.

17.00 H — Celebração Eucarística de Acção de Graças, presidida pelo Arcebispo do Porto e concelebrada pelo Episcopado Português e Clero presente.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**FESTAS** — Estão a decorrer, pelo norte do País. Os ensaios foram cada vez melhores. O problema era o conjunto musical, mas está preparado e tudo começa a ficar perfeito para a grande Festa que são as nossas Festas. Na minha maneira de ver, quem assistir, não ficará arrependido, pois as Festas são bem bonitas e alegres. O prato forte é, sem dúvida, o dos «Batatinhas» com números bem bonitos para alegrar a assistência. Portanto, querido Amigo, não deixe de passar bons momentos de alegria conosco.

**ESCOLAS** — Mais um ano escolar. Agora, as responsabilidades aumentam para todos: uns a estudar, outros preocupados com quem estuda ou não. Em nossa Casa, o estudo merece atenção especial, pois é fundamental para o futuro de cada rapaz. Por isso, a vida da Casa fica um pouco diferente, nesta época. Há que saber aproveitar ao máximo, pois são oportunidades únicas que nos são dadas. Tantos jovens gostariam de estudar e não podem, por falta de recintos ou de possibilidades económicas! Por isso, aproveitemos ao máximo a Escola, fundamental para o nosso futuro como cidadãos.

**AGRICULTURA** — No dia 24, começou a vindima. Toda a gente gosta de vindimar. É um acontecimento que gera uma certa alegria e divertimento. Há gente que trabalha noutros sectores e agora faz algo diferente. É bom andar no meio de tantos, e a comer as nossas ricas uvas, também. Esperamos que delas se tire o melhor proveito — um bom vinho.

**DESPORTO** — Em relação ao muito falado torneio inter-Casas, em honra de Pai Américo, o nosso grupo deslocou-se, no dia 20, à Casa do Gaiato de Setúbal. Não deixámos créditos por mãos alheias e mantivemos intacta a hipótese de nos sagarmos campeões do torneio. Vencemos por 5-2.

Deixo um apelo aos nossos companheiros de Setúbal: Não desanimem e não parem!

Serafim

## Miranda do Corvo

**CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO PAI AMÉRICO** — Entre a malta de todas as Casas do Gaiato realizámos um torneio de futebol, como pretexto para um convívio inter-Casas e comemoração do Centenário. Uma ideia antiga, projectada nos dias de hoje.

Na preparação do torneio, não apresentámos o nosso calendário desportivo. Falhámos! Seria mais rico. Bem, o amor é que levou a fazermos este convívio, como necessidade indispensável.

Foi tão bom conhecermos os outros, os lugares onde Pai Américo quis, por bem, se edificasse uma Casa do Gaiato!

Miranda do Corvo é a Casa-mãe,

de onde emergiu a Obra da Rua e gerou as outras Casas.

Este tempo de convívio foi útil ao crescimento e formação dos gaiatos. Assim o quisemos. Não nos afectou, termos perdido todos os jogos.

Seqüência do tomeio: Amizades que surgiram; opiniões consoante vivemos nas Casas do Gaiato.

Parece que tudo parou? Não! Tudo começou. Há caminhos a percorrer, neste aspecto.

O 23 de Outubro é um dia solene nas Casas do Gaiato. Faz cem anos que, nas terras do Norte, nasceu o menino Américo que se tornou Pai dos gaiatos, do rapaz da rua.

Um grupo de rapazes fará a primeira Comunhão — um presente a não esquecer.

Por outro lado, no dia 24 estaremos todos no Porto a encerrar as comemorações do Centenário. Ah, mais uma vez, os gaiatos de mãos dadas querem homenagear o Pai Américo.

**COLHEITAS** — Batatas, tomates, pimentos, feijão, couves, milho, abóbora, cebolas, pêsegos, pêras, maçãs, marmelos, uvas, romãs e figos — tudo isto colhemos com alegria.

Virão nabos e mais couves. Plantámos centos delas!

Pensamos sempre na hora de semear, plantar, tratar e colher o fruto!

**ANO LECTIVO** — O dia 21 de Setembro, em direcção à escola, foi às correrias: — Olha, estou na professora nova. Este ano devo passar!...

Os estudantes, em Coimbra, só começaram no dia 23 e voltariam a Miranda do Corvo.

Guido

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Um ror de problemas, em cadeia! A nossa frente, mais um lar desfeito...! Crianças sem a mãe, que anda por lá... Pai debilhado, com necessidade de trabalhar. Pode um rumo. Damos a mão. Acertamos agulhas. E seguiu em busca de solução, pelo seu pé — vincando cidadania.

O problema da habitação é dos mais graves! Uma família com quatro filhos (a mãe espera o quinto), procura outro ninho — por sete contos. «Um triste arremedeio», diz a tia dos pequenitos que, sem o marido saber, lhes oferece dois contos mensais, de pão. «O meu cunhado ganha o salário mínimo: vinte contos... Não pode alimentar os filhos...!», acrescenta a samaritana.

Novos Pobres!

Começaram as aulas e há crianças que precisam de material escolar e o mais que não é oferecido aos Pobres. Suprimos. Ainda agora nos responsabilizámos por uma factura de contos de réis: livros destinados a um mocito atilado, contudo bem marcado pela cruz, no seu lar...! Não falando, já, de ajudas a outras crianças.

Há que dar a mão aos jovens e crianças, em necessidade. O mundo evolui a ritmo vertiginoso! E como é triste a mole imensa de analfabe-

tos e semi-analfabetos, no interior do País!

**PARTILHA** — Assinante 11902, do Fundão, a remessa habitual, «sufragando a alma de minha Mãe». Haverá, no mundo, algo mais rico do que uma Mãe?!

Assinante 32517, um cheque destinado, inclusive, «para a ajuda dos estudos duma menina estudante, em acção de graças por graça recebida há trinta e cinco anos». São para uma órfã de pais, ora apoiada nos avós, já no fim da vida...

«Avó de Sintra» presente com o cheque destinado à «Família do costume». E «mil escudos, com pena de não ser um milhão» — do assinante 11599. «Uma portuense qualquer» segue com 2.500\$00 referentes ao «mês de Agosto e vou ver se não esqueço de mencionar a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus...»

A. F., de Vila Nova de Gaia, 700\$ «com todo o carinho, por alma de uma amiga». Deus já os escreveu no Livro da Vida. 1.500\$00 da assinante 13329. O dobro da assinante 33023, de Gavião. Mil, em vale de

carreio, do assinante 8527, de Silvalde (Espinho). Três vezes mais do assinante 9790, de Oliveira do Douro (Gaia), pedindo «uma oração ao Senhor para que na agitação dos trabalhos desta vida não esqueçamos nunca do essencial, que é eterno; e, deste modo, caminhemos sempre ao lado do nosso Bom Amigo que auxiliará a levar o fardo da cruz e no final nos receberá de braços abertos». Vivência cristã!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

seis salas e seis turmas. Por lei, estas não podem ultrapassar os quinze alunos, dadas as dificuldades destes e as carências que os carregam. Tudo bem. Embora alguns rapazes necessitassem de um ensino individual, dadas as dificuldades colectivas do País, já nos vamos contentando.

Construímos salas amplas, alegres, cheias de luz e apetrechamo-las. Tudo à nossa custa e dos nossos Amigos!

Também já passou o tempo em que os professores faltavam a torto e a direito e, se a gente se queixava ainda faziam pior.

Durante os últimos dois

anos, uma equipa de cinco professores deu o seu melhor. No ano transacto, um deles, fora da equipa, concorreu à Casa do Gaiato para governar a sua vida, resolver problemas de carreira e manter-se de uma forma injusta no activo.

O senhor tinha a família (mulher e filhos) muito longe, não podia viver fora dela e decidiu a situação metendo atestados médicos. Atestado de um mês, atestado mais não sei de quanto tempo, aparecia de tempos a tempos a marcar presença e dar dois dias ou uma semana de aulas e voltava a meter atestado.

Foi assim o ano inteiro!

Os colegas achavam normal. Era a única maneira!... Não

havia outra forma. Foi substituído por mais de uma dezena de colegas ao longo do ano! Os pequenos desta turma — os mais pobres de todos — foram terrivelmente prejudicados — ia a dizer injustamente espoliados. É verdade que eles tiveram escola. Quando não havia substituto, eram distribuídos pelas outras turmas. Não eram alunos daqueles professores. O que vinha de novo, por quinze dias ou um mês, é natural que não se agarrasse aos rapazes como faziam os outros. As crianças são muito sensíveis na adaptação aos mestres! Nós, em Casa, sofremos o ano inteiro. Passado este, julgámos que a injustiça se não repetisse. Mas não. Começámos, de novo, com problema idêntico de outro professor, de muito longe, nas mesmas circunstâncias.

Meu Deus! As crianças são as mesmas. Os mais difíceis e com mais dificuldades. A professora veio um dia e meteu atestado! É a única maneira de arrumar a vida! Não se descobrirá outras formas? Não será possível colocar os professores onde eles têm a sua vida organizada? Não será um inquérito preliminar, antes das colocações ou dos concursos? Toda a gente sabe que um atestado médico é, muitas vezes, a única saída legal, mentirosa e injusta para estas situações.

Os médicos (alguns) atestam pela sua honra que fulano(a) está doente e impossibilitado(a) de cumprir as suas obrigações. Será que todos os médicos têm honra? É pública a triste história de gente possuidora de atestados, sem sequer ser vista (não digo observada) por clínicos que assinam documentos em série, por bom preço.

A lei que permite e avaliza estas situações é infâmica e os mais pequenos são as vítimas. É preciso que o mundo saiba.

## TRIBUNA DE COIMBRA

Na última semana vieram algumas mães a acompanhar os filhos que recebemos nesta família. Não é frequente ser assim, mas agora aconteceu. Geralmente são despedidas muito frias da parte dos pequenos. Eles chegam e ficam cegos com a fruta, os baloiços, o campo da bola, a piscina. Mal chegam e ei-los, aí vão.

Na última semana senti os dramas familiares. Mães amarguradas, espezinhas por homens violentos, a dormir com os filhos noites seguidas fora de casa, tristes como noite escura. Como algumas chamam os filhos e lhes pedem um beijo — que deve ser sempre sinal de amor!... As recomendações para que lhes escrevam, que se façam homenzinhos e mais coisas lindas que os corações das mães sabem dizer!... Foi uma semana muito marcada por promessas.

Senti o alvoroço dos que chegam para ficar. Parece-lhes

um mundo novo. Um mundo de espanto. Estou a ver dois irmãozitos (a mãe levou o mais pequeno), bem vestidinhos, a jogar a bola no chão de lama e já todos enlameados. Estou a ver outros dois no carrossel a fazer uma algazarra medonha, enquanto os que já cá estavam, andam ocupados em seus trabalhos e obrigações.

Eles vêm tão atribulados e com tantos vícios! É um mundo novo que começa todos os dias. Elas partem com alguma esperança de mudar a vida para melhor e levam a alegria de que deixaram os filhos entregues.

Que esta esperança de vida melhor se concretize no coração das mães e que este mundo novo e feliz, aspiração de cada um de nós, o seja com a nossa partilha.

Padre Horácio

Padre Acílio



# Cantinho da Família

Conversava, há dias, com uma mãe de família da aldeia. A sua riqueza está nos sete filhos que deu à luz. Embora todos com seus lares formados, a mãe continua a acompanhá-los de perto e de longe. É feliz porque marido e mulher viveram sempre unidos e o amor entre ambos não envelheceu. Os filhos foram criados em casa pobre e com dificuldades, mas respeitam os peitos que lhes deram o leite e os braços que lhes buscaram o pão.

Ontem, ao ler uma das cartas que chegou pelo correio, não fui capaz de ir até ao fim, sem pôr as mãos na cabeça e parar. Anteontem, mais duas. Três dias antes, outra.

— Valha-nos, Padre! Veja o que pode fazer por estes filhos.

Foi o homem que deixou a mulher e foi-se com outra. Foi a mãe que deixou o marido e desandou com outro. Com que facilidade se fazem estas trocas, como se de coisas se tratasse! E os filhos? Meu Deus, quantas aflições sem lhes podermos valer! Por isso, pomos as mãos na cabeça e choramos sempre que nos chega mais uma carta.

Voltando à conversa com a mãe feliz, fui aproveitando da sabedoria dos simples de coração, como ela.

— Padre, a família é o segredo da saúde de um povo. Dela vêm governantes e governados, equilibrados ou não, consoante o lar onde nasceram e cresceram. Nela, a Igreja vai semear e colher a

semente e os frutos. Que riqueza a Família!

Passei, ontem, parte do dia, em casa de um dos nossos rapazes, porque era a festa dos filhos. Estes momentos dizem muito mais do valor da Família que as palavras mais sábias. Em circunstâncias como estas, Pai Américo aparece sempre actual a pôr o dedo na ferida e a apontar o caminho. Ele vai à frente. Não quis outro «figurino» para a Obra que nos deixou que não fosse o da Família. Acorremos felizes ao convite para estar presentes no nascimento do lar de nossos filhos.

Falando com um casal responsável pela preparação de jovens para o Matrimónio, vivi o seu entusiasmo e a preocupação ao mesmo tempo.

— É que os nossos jovens quase não falam entre si, enquanto namoram. Não comunicam. Não chegam a conhecer-se. Vivem as excitações provocadas por gestos e atitudes. Não criam ambiente de Paz para a reflexão em comum sobre os problemas sérios da vida. Depois... chega depressa o cansaço, o fastio... Não são já capazes de descobrir a novidade do seu matrimónio em cada dia que passa.

São experiências de quem vive os problemas da Família.

Retalhos de vida

## «Azeitona»



Chamo-me Alcides Ferreira Moutinho e, na Casa do Gaiato, sou conhecido pelo «Azeitona». Tenho doze anos. Nasci em Tabuaço.

Vim para aqui porque não tenho pai. Não o conheci. A minha mãe é muito doente e eu era muito maroto e ela não me podia lá ter. Assim, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa onde estão muitos rapazes como eu. Aqui estudo, trabalho na lenha e estou bem.

Alcides Ferreira Moutinho («Azeitona»)

## Doutor Avelino Soares

Cont. da 1.ª pág.

Pelo menos desde o tempo em que frequentaram a escola Régia de Pereiras, foram companheiros e amigos. Estiveram juntos, ainda, no Colégio do Carmo em Penafiel e fizeram exame de Instrução Primária em dias seguidos. Avelino ficou distinto.

Depois, separou-os diferente rumo na vida, embora fosse igual o desejado por ambos: o sacerdócio.

Em 1911 — havia quase cinco anos que o Américo fora para África — Avelino é ordenado de presbítero por D. António Barroso e é-lhe dada missão na diocese do Porto. Mais tarde frequentará a Sorbonne onde se formou em Filosofia.

De volta a Portugal, parou a Matriz de Penafiel — e era essa a sua situação em 1923 quando o Américo lhe aparece com o seu problema de vocação. Dr. Avelino contará, muito mais tarde, como foi esse encontro após tantos anos sem se verem nem terem sabido um do outro mais do que generalidades.

Depois dedicou-se ao ensino. Foi um dos fundadores do Colégio Almeida Garrett, no Porto, e aí terminou os seus anos activos.

Terminou... é modo de dizer. Que o estudo e o cultivo das letras continuaram; como também a colaboração na actividade pastoral na sua região natal onde voltou a viver.

Foi então que a Obra da Rua e especialmente a Casa do Gaiato de Paço de Sousa experimentaram mais de perto a valde da sua colaboração e do seu conselho.

Inmanado com Pai Américo no amor aos Pobres, proporcionou terrenos e auxílios para a construção de casas do Património dos Pobres e fundou perto da sua casa, em Rans, um

Lar para Velhinhos sem família nem qualquer amparo, de que Pai Américo deu notícia, ao tempo, n' O GALATO, em bellissimo hino de regozijo por essa obra ímpar.

Também as crianças em idade escolar mereceram a sua atenção carinhosa; e dela nasceu a Cantina que ainda hoje existe.

E que dizer do seu trabalho de direcção espiritual aos nossos rapazes — ele, educador experimentado que tanto amava e tão bem compreendia os jovens?! Eis uma presença nunca substituída e cada vez mais difícil de prover e cuja falta é tamanha!

E os dias de retiro mensal que Pai Américo e eu, acompanhados por ele, dirigidos por ele, tivemos por costume ao longo de dois anos inesquecíveis!

E o apoio — esse, sim, bem fraterno — que o próprio Pai Américo sempre encontrou naquele velho Amigo, em horas de provação!

Tantas recordações... e não se trata de uma evocação sentimental. É o justo reconhecimento de um bem precioso que o Senhor nos proporcionou na pessoa do Dr. Avelino Soares e o tornou membro de direito desta grande família da Obra da Rua, de quem só a morte nos privou após uma vida longa e sofrida que durou no tempo 92 anos.

Lá, no Seio de Deus, ele continuará a ser-nos presença intercessora, assim o cremos. Como na nossa gratidão a sua lembrança se não desvanece.

Por isso que tão juntos foram em períodos decisivos nas suas vidas, é ponto de honra para nós tê-los da mesma sorte na celebração dos seus centenários — tal como Deus terá reunido para sempre no Seu Reino, Dr. Avelino e Pai Américo.

Padre Carlos

## Novos Assinantes de «O GALATO»

Em nossas Casas, todos os dias aparece gente ansiosa de receber o nosso Jornal:

«Muito desejando ser assinante d'O GALATO, junto um cheque para os anos de 1987 e 1988, agradecendo que passem a enviar-me os jornais que forem sendo publicados...»

Aquele muito desejando dá o tom e a imagem de quantos pedem O GALATO directamente!

No entanto, para além do mais, o «Famoso» continua a difundir-se entre os familiares dos nossos Leitores! Ouçam, por exemplo, a assinante 13369:

«Muito agradeço que, de Outubro em diante, passassem a contar no número dos assinantes os meus sobrinhos... para os quais deverá ser remetido um exemplar (para três). Será, por certo, uma ajuda sólida para a formação dos seus caracteres de rapazes católicos e socialmente válidos.»

Mais um:

«Meu afilhado, que vive na América do Norte, deixou um donativo que junto envio. A par disso, ele gostaria de fazer uma assinatura d'O GALATO...»

Que dizer do testemunho de quantos, não olhando a locais nem ocasiões, trazem no coração a chama que o «Famoso» transmite e incendiam os amigos mais chegados?!

«Peço perdão pelo meu atraso da assinatura do nosso querido O GALATO, o qual, para mim, é Palavra Viva do Evangelho, e é tão bem recebido em minha casa!»

Junto um cheque para inscreverem, como assinante, uma amiga cujo nome e morada indico... Peço o favor de não esquecerem!

Assinante 21029»

Antes de encerrarmos a procissão, que daria pano para mangas!, além de novos assinantes do Algarve ao Minho, do Alentejo a Trás-os-Montes, seguem outros portugueses residentes na França, Alemanha Federal, Holanda, Estados Unidos, etc. Distantes, mas junto da Pátria de todos nós — pela Mensagem d'O GALATO.

Júlio Mendes

## Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

Realizámos, na Senhora da Piedade, um convívio no dia 20 de Setembro. Tudo decorreu na melhor forma. Não faltou, entre outras coisas, a colaboração de S. Pedro, com um magnífico dia de sol que durou até nos retirarmos, cerca das 13 horas.

Houve algumas faltas: umas, mais ou menos justificadas; outras, não. Houve, ainda, medo do tempo; mas, ali, não sabemos porquê, portou-se maravilhosamente, proporcionando um dia para recordar.

O Padre Horácio celebrou a missa dominical e deu a conhecer o esquema das comemora-

ções do Centenário do Pai Américo, no Porto, em 24 do corrente, chamando a atenção para esse facto, bem como em Miranda do Corvo no dia 23. O almoço foi partilhado e o pessoal deu largas ao seu contentamento, cantando e dançando. Um dia cheio!

A comparência de pessoas que passaram, em criança, pelas Colónias de Férias, naquele lugar, também nos chamou a atenção. A chegada, decorridos mais de 30 anos, não puderam conter umas lágrimas de emoção.

Cont. na 4.ª pág.



# AQUI, LISBOA!

«Tenho pena que estes homens (os emigrantes) não tenham de comer em suas terras e sejam obrigados a ir procurar noutras, enriquecendo-as, o pão que lhes falta. Bem pudera a riqueza que eles levam, ficar na terra onde nasceram, a bem dum Portugal mais forte e mais saudável.» (Pai Américo)

Um grande número dos nossos Rapazes emigraram. Com frequência recebemos notícias deles ou a sua visita. Muitos seguiram o caminho de África e outros partiram para os mais diversos países do mundo com maior acento os da Europa. Somos, pois, uma grande e numerosa família que bem conhece a realidade da emigração portuguesa no mundo.

Deixando de lado o caso de África que, pelas motivações conhecidas, se transformou em desastre quase total para os

nossos Rapazes e que se pobres partiram mais pobres regressaram, podemos dizer, em termos gerais, que os nossos emigrantes têm vencido, graças a Deus, pese embora um ou outro caso de insucesso.

«Com Maria, a família emigrante testemunha Cristo e constrói a Igreja» — foi o lema do último «Dia Nacional das Migrações». Prouvera a Deus que a Mensagem do Papa fosse ouvida por todos, emigrantes e não só, em ordem a prescrever as famílias emigrantes dos riscos a que são submetidas e de salvaguardar os elos familiares, já de si tão sujeitos a tensões no tempo em que vivemos.

Pelo conhecimento concreto que temos das realidades, auscultadas nos próprios países para onde se dirigem os nossos emigrantes, podemos dizer que um dos aspectos negativos

da emigração se situa precisamente ao nível da desagregação das famílias, com as consequências mais trágicas.

Alguns emigraram, deixando as esposas e os filhos para nunca mais se lembrarem deles; outros mandam para cá os familiares. Infelizmente, com bastante frequência se nota um corte total, com manebias à mistura ou vida dissoluta em mais alto grau.

Um dos aspectos gravosos do fenómeno migratório reside no futuro dos filhos. Por um lado, muitos jovens ficam «órfãos» de pais, com eles vivos, entregues exclusivamente às mães ou avós, crescendo à margem da influência daqueles, quando não dos dois progenitores. Por outro, quando residem nos países estrangeiros, os jovens acabam, a partir da adolescência, sobretudo, por se emancipar dos pais, influenciados pelo meio ambiente, tentados pelo materialismo de vida aí reinante, desconhecendo a língua materna e sem domínio absoluto da nova língua.

A Igreja, através dos seus Missionários, vai fazendo qualquer coisa de útil nos locais onde está presente; mas, é bom dizê-lo, está longe de satisfazer em pessoal e em condições materiais as necessidades.

## FESTAS

Já marcámos presença no Coliseu do Porto e em Aveiro. Um mundo de gente!

No entanto, as nossas condições de trabalho, a elevada tiragem e expedição d'O GAIATO não dão hipóteses de publicar, sobre a hora, uma breve nota d'ambos os convívios.

É pena! Coliseu e Aveirese — sem desmerecer as outras salas — fervem sempre em alegria, com gente de todas as condições sociais.

Aqui vai um aceno de simpatia para os que esperam o fim do mês — são tantos! — para se munirem do necessário bilhete de acesso. Outro, para um grupo (também não é pequeno!) que espera, sacrificadamente, a pensão de reforma com o mesmo fim. Assim dizem no Espelho da Moda e no Coliseu do Porto.

Por nossa insistência, o Serafim, que faz parte do elenco, refere em crónica de Paço de Sousa, a seu modo (tão bem!), um sucinto balanço da antestreia. É um águia! Palavras, pormenores, sentimento d'alma fluem em cachoeira! Ele quer continuar a estudar... Deus o ajude a ser homem!

Os preparatórios (externos) da Festa são coroados da maior receptividade. Os gerentes das salas, escrupulosos em todos os pormenores para que, no

dia e hora certos, tudo esteja em ordem: palcos, salas cheias, gente exuberante. «Nós queremos que a Festa, em Amarante, seja mais concorrida do que nos anos anteriores» — normalmente com plateia muito povoada. São os empresários, nas cidades visitadas, colaborando no badalar da notícia; não falando, já, da Imprensa e Rádio locais, com iniciativas próprias, mas dentro da nossa linha — cumprida religiosamente. Somos o que somos e daqui não fugimos!

Erguemos as mãos ao Céu, interiormente, quando nos cruzamos com habitués, no Porto, Aveiro, Braga, etc. «No dia... lá estaremos...!» Interesse. Carinho. Sorriso nos lábios.

A parte artística, não há dúvida, é prato indispensável que nos reúne na mesma sala, como em família. Mas o que distingue as nossas, doutras Festas, passe a expressão, quicá mais ruidosas, é exactamente a partilha espiritual que motivam; a solidariedade que junta os corações no mesmo pulsar — imbuídos da mesma Mensagem que elas, as Festas, levam a quantos conheçam ou não a Obra da Rua.

Aqui temos a razão por que foram sempre tão queridas — por Pai Américo!

Júlio Mendes

## Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

Cont. da 3.ª pág.

Sobre o Centenário, no Porto, estudamos a organização da viagem numa camioneta (ou mais). Os interessados devem procurar-nos para saberem pormenores.

Machado

## Carta aos Gaiatos mais velhos

Cont. da 1.ª pág.

ría maravilhoso se em cada Associação (duas do sul, centro e norte) nascesse uma Conferência Vicentina. É possível em Setúbal, Lisboa, Coimbra e Porto.

A do Porto, com antigos Gaiatos e suas esposas, é uma realidade. Ligá-la à Associação, só um passo.

Que momento mais alto e comovente ver os nossos Gaiatos, com suas esposas e filhos, subir e descer os mesmos degraus carcomidos que Pai Américo subiu e desceu! Nos mesmos locais onde ele praticou e nos ensinou a ler o Evangelho!

Um abraço para todos.

Padre Telmo

Muitos abandonam a prática religiosa, sendo certo, também, que outros têm encontrado o caminho à volta dos centros onde os portugueses se juntam para celebrar ou realizar outras actividades das Missões. A tentação de ganhar muito e em pouco tempo é um dos obstáculos maiores à vivência das coisas do espírito.

A formação escolar, quer ao nível das escolas portuguesas, quando estas existem, quer no âmbito das locais, deixam muito a desejar. Poucos jovens portugueses se valorizam profissionalmente. Por decisão deles ou por vontade dos pais o que importa é ganhar dinheiro. Tendo poucas qualificações e vivendo num mundo onde há já muito desemprego, menos possibilidades têm de singrar.

Muitas famílias portuguesas, para lá das que vencem ou têm êxito, acabam por se ver empobrecidas ou destruídas. Os pais, normalmente trabalhando em serviços duros e desgastantes, acabam por perder a própria saúde e os filhos. Estes não querem, em muitos casos, vir para a terra de origem dos seus progenitores, por difícil adaptação ou aquisição de hábitos de vida totalmente diversos, o que mais se torna patente por falta de habilita-

ções profissionais ou outras. De resto, com o andar dos tempos, as árvores das patacas vão secando e daí que, infelizmente, se notem problemas de prostituição e de marginalidade claros.

As famílias onde os valores do espírito ou os princípios humanos naturais estão presentes, são aqueles que melhores condições oferecem de sucesso. Ao contrário será difícil que não sossobrem, embora, eventualmente, possam ter juntado uns cobres, o que está longe de ser o principal na vida. De resto, será caso para nos questionarmos quantas serão aquelas famílias que vencem em relação às que se destruíram ou fracassaram, contribuindo, no entanto, para engrandecerem os países para onde emigraram, com os seus sacrifícios e suores.

Que se criem nesta terra de Santa Maria, tantas vezes madrastra para os seus filhos, condições de vida e de dignidade, de modo a que não tenham de «a procurar noutras, enriquecendo-as, o pão que lhes falta», eis os votos que sinceramente formulamos, «a bem dum Portugal mais forte e mais saudável».

Padre Luiz



O Neca é um artista! Fez esta obra d'arte com muita paciência — e trabalho.

 **Gaiato**

Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Setembro: 65.780 exemplares.

12 (segunda-feira), às 21,30 h — Cine-Teatro Augusto Correia — V. N. FAMALICÃO. Bilhetes à venda: na Confeitaria Bezerra e no Cine-Teatro.

16 (sexta-feira), às 21,30 h — Salão do Casino de ESPINHO. Bilhetes à venda no escritório do Casino.

21 (quarta-feira), às 21,30 — Amarante Cine-Teatro — AMARANTE. Bilhetes à venda: no Cine-Teatro.

29 (quinta-feira), às 21,30 h — Cinema S. Geraldo — BRAGA. Bilhetes à venda: até à véspera, na Vigararia do Apostolado dos Leigos, Rua Santa Margarida, 8; dia da Festa, nas bilheteiras do Cinema.